

Resenha: Os Brasis de Antonio Lino em Branco Vivo.

Marco Antonio Arantes¹

LINO, Antonio. *Branco Vivo*. São Paulo: Elefante, 2018. 252 p.

No campo de pesquisa das Ciências Sociais, sobretudo na Sociologia e na Antropologia, tem crescido em importância a utilização do visual, seja por meio da utilização de fotografias, filmes, documentários, gravuras, literatura ou vídeos, tornando-se referências indispensáveis nas pesquisas científicas. A utilização do visual nesse contexto tem proporcionado não apenas o enriquecimento da linguagem científica, mas também tem contribuído para gerar inquietações em áreas que raramente se comunicam. Essa convergência não apenas coloca em xeque os métodos consagrados de pesquisa nas ciências sociais, mas também se projeta como uma nova linguagem, mostrando que nem tudo é dito somente com as palavras.

Em o “Cérebro é a Tela” (2016), Deleuze afirma que o “encontro de duas disciplinas não é feito quando uma se põe a refletir sobre a outra, mas quando uma se apercebe de que deve resolver, por sua conta e com seus próprios meios, um problema semelhante àquele que é também colocado em uma outra disciplina” (DELEUZE, 2016, p. 301). É nesse momento, segundo Deleuze, que se agitam, em condições diferentes, os vários campos de saberes.

O livro de narrativas “Branco Vivo”, do escritor e documentarista paulista Antonio Lino, também conhecido pelo livro de crônicas “Encaramujado” (2011), envereda por uma proposta interdisciplinar, celebrando o encontro entre a literatura, a fotografia e as Ciências Sociais. Suas narrativas problematizam e descrevem o trabalho realizado por doze profissionais de saúde, em nove regiões do país, durante a vigência do “Programa Mais Médicos” (PMM). A ideia do livro, segundo Lino, surgiu de um convite do Ministério da Saúde, para que “*garimpasse histórias desses brasis profundos, ao rés do chão do Programa Mais Médicos*” (p. 13). Branco Vivo nos leva a repensar a experiência social do PMM numa conjuntura política bastante específica, aquela evocada nos anos que antecedem o *impeachment* de Dilma Rousseff.

A obra de Lino é de difícil classificação, pois navega entre áreas diferentes que se percebem. As suas narrativas flertam com as ciências sociais, a fotografia e o jornalismo. São narrativas que propõem vários planos de uma investigação social e política, que se, a princípio, não se enquadram numa linguagem científica, desdobram-se para vários campos de conhecimento, como se as artes estivessem em estado de revezamento com a ciência, ampliando as diversas percepções para além da palavra. De caráter interdisciplinar, realiza uma troca de diferentes domínios de conhecimento, de trocas e cooperações de saberes que se transformam em algo orgânico. Daí advém a percepção social e política da poesia, da imagem e da literatura. Em sentido amplo, “Branco Vivo” é uma obra que promove a articulação entre ciências com linguagens próprias e conceitos definidos, que, na maioria das vezes, “não podem passar de uma linguagem à outra” (MORIN, 2002, p. 47).

¹ Doutor em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo.
E-mail: marcoarantes@hotmail.com

A obra é acompanhada de um belo ensaio fotográfico do fotógrafo catarinense Araquém Alcântara, conhecido pela técnica de produzir fotografias sobre o meio ambiente e a sua complexa relação com os seres humanos. Não é fora de propósito que José de Souza Martins (2008), um dos pioneiros no Brasil no debate sobre sociologia da fotografia e da imagem, observou que “os chamados fotógrafos e documentaristas sociais são hoje produtores de conhecimento social, o que torna a fotografia e o documentário, praticamente, um campo auxiliar das ciências sociais” (MARTINS, 2008, p. 11). Pois essa é a perspectiva de Lino e Alcântara, que ultrapassam um registro factual e sociológico do PMM, revelando aspectos inusitados da realidade do cotidiano dos profissionais de saúde que atuaram no programa. A obra se situa na fronteira entre a ciência e a arte. A presença de fotografias, entrecortadas por uma escrita literária moldada numa confluência de referências literárias, mapas e um projeto editorial primoroso, projeta-o como um livro de descobertas de um povo, de sobrevivências culturais; um espelho de um povo, um olhar singular sobre um momento político e social efêmero no Brasil.

Durante um ano, o escritor acompanhou o trabalho de profissionais da saúde que participaram do PMM. Lino presenciou os atendimentos em postos de saúde e vivenciou as dificuldades encontradas pelos profissionais da saúde, do Sul ao Norte do país. Percorreu regiões longínquas, esvaziadas de médicos brasileiros, detendo-se em aspectos médicos e culturais inusitados, durante os atendimentos em aldeias indígenas, comunidades quilombolas, assentamentos rurais e periferias urbanas.

O mérito da escrita de Lino é a sua capacidade de revelar aspectos incomuns, dispensáveis numa habitual coleta científica de dados socioeconômicos, cujo interesse seria o perfil da população atendida ou a eficiência e o alcance do programa social.

“Branco Vivo” se apresenta como uma obra literária incomum, que desafia o leitor a desvendar a complexidade institucional e cultural de um dos programas de saúde mais conhecidos e polemizados do país. Não seria absurdo dizer que o livro seria uma escrita literária política do cotidiano médico, uma imersão pessoal e cultural no universo do PMM. Não há nada que não possa ser poetizado. Se, em “Terra em Transe”, Glauber Rocha levou a poesia para a política, Lino ocupa-se de fazer o mesmo nas suas narrativas sobre o PMM. Ele dá voz aos médicos, que nos revelam múltiplos brasis. Sua escrita é lírica, entremeada por saberes médicos, cultura popular, tradições indígenas, religiosidade e histórias de vida. Para cada narrativa, Lino resgata a história local e a sua identificação com os profissionais de saúde, que visitam as famílias e estabelecem laços com a comunidade.

O prontuário é ressignificado e passa a ser um referencial não apenas médico, mas a própria alteridade de seus mundos. Nessa perspectiva, não se trata apenas do diagnóstico e da medicação, mas do entendimento de que a doença encontra respostas em sua própria vida. São prontuários que se misturam com as suas histórias de vida.

Daí a contextualização cultural e geográfica das regiões cobertas pelo PMM, é quando muitas estórias familiares veem à tona, como a que resgata o passado escravista de uma família quilombola em Rondônia. “... *debaixo da saia, marcada em sua polpada, a velha escondia a cicatriz de um número quatro. A menina suspeitava, mas quis confirmar: - E como é que foi feito esse número quatro, minha mãe? - Foi com ferro, minha filha. Ferro quente*”. Ou quando relata o encontro entre a religiosidade popular da benzedeira com o médico cubano. “- *O médico tem muita experiência. Pela sabedoria dele, a inteligência... É uma pessoa que tem dado a vida a muita gente. Abaixo De Deus, né?*” (p. 52). Ou então, a história do Dr. Leonardo Abreu, que, após a morte do irmão, vitimado com câncer

no pulmão, conseguiu cursar Medicina no Paraguai com o dinheiro do seguro. Ele remonta à sua história de vida familiar, as motivações para o exercício da carreira médica, revelando que as dificuldades iniciais na formação e a trajetória familiar identificam-se com a difícil rotina no PMM. “Leonardo reencontrou consigo um sonho de infância, já bastante púido, soterrado ao longo dos anos pelas contas a pagar”. (p. 229).

Antonio Lino quer falar do presente, das profundas transformações mentais e afetivas de uma sociedade em plena transformação, de um Brasil que começou a se acabar antes de começar ou, como diz, de diagnósticos panorâmicos em nove histórias, em cinco regiões do país, pondo em cena um processo de alijamento de um programa social.

É importante salientar o caráter pedagógico do livro. Muitas questões são respondidas em suas narrativas. O que é um médico de família? É importante um médico se comunicar com a comunidade? Por que não deve apenas falar em doenças? Como em literatura, fotografia, cinema e poesia, o livro amplia o debate para além de artigos científicos, o que justifica a sua aplicação em sala de aula.

Contudo, o uso da linguagem literária não significou imprecisão histórica, conceitos mal elaborados e dados incorretos. O autor se valeu da colaboração de uma imensa lista de profissionais, que lhe transmitiram conhecimentos e informações preciosas sobre botânica, medicina, cultura indígenas, linguística, psiquiatria, medicina popular e atenção primária à saúde, que foi o foco principal do Programa “Mais Médicos”.

Para colocar em prática seus planos, o autor ouviu histórias sobre garimpos, seringueiros e desmatamentos ocasionados pelo crescimento desordenado da pecuária e o crescimento da agroindústria; sobre mortes em decorrência do desmatamento e conflitos de terra; sobre o encontro de um médico com uma onça no Rio Guaporé, sobre a penúria dos bolivianos infectados com o parasita *plasmodium*. Lino contou um pouco das marcas deixadas pela escravidão, em São Francisco de Guaporé, em Rondônia: dos partos de risco, feitos às pressas em hospitais; da presença da lepra no Amazonas e do preconceito contra leprosos no seringal São Romão; da fundação e desativação da Colônia Antônio Aleixo em Manaus e do isolamento dos leprosos; dos pescadores da comunidade de Carnaubinha; do surto de dengue e Chikungunya: em Poço Redondo, Sergipe, da histórica chacina de Caiboaté: dos conflitos no campo, no Rio Grande do Sul, do assentamento Madre Terra; da falta de energia elétrica: do veneno da soja transgênica: das procissões em Serra da Guia: dos canoieiros de Araçuaí, Minas Gerais: do crescimento da indústria de celulose e da presença da Aids em pequenas comunidades.

“Branco Vivo” não é uma pesquisa científica sobre o PMM. Não encontramos teorias, conceitos, metodologias, tabelas, gráficos e dados socioeconômicos. No entanto, o livro é uma imersão social e cultural nas regiões que participaram do programa. É como se o autor entrasse nos olhos dos moradores e profissionais médicos para ver o mundo. Em cada comunidade e município visitado pelo autor, a história local dos moradores identifica-se organicamente com os percalços da formação familiar e profissional dos participantes do PMM. Disso resulta uma constelação de vidas distintas, sofridas, oprimidas e contraditórios sistemas de valores de uma cultura popular rica e oprimida, na maioria das vezes, em conflito com os valores hegemônicos da nossa sociedade.

Referências

DELEUZE, Gilles. O cérebro é a tela. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.